

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XVII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1978

GUILHERME CARDOSO

Colaborador do Museu do Mar (Cascais)

ÂNFORAS ROMANAS NO MUSEU DO MAR (CASCAIS)
«Conimbriga» (Coimbra), XVII, 1978, p. 63-78.

RESUMO: Publicam-se 29 ânforas do Museu do Mar (Cascais), recolhidas no Sado, ao largo de Tróia ou da Praia da Figueirinha, ou junto ao Cabo Sardão. Revelam-se alguns fornos de ânforas no curso inferior do Sado, os quais provavelmente abasteciam o importante centro conserveiro de Tróia.

SUMMARY: A group of 29 Roman amphorae, found under the sea, near cap Sardão or on the estuary of river Sado, is here published. Several amphorae producing kilns on the banks of river Sado are located on the annexed map. The forms or types produced in these kilns are indicated. The main concern of the author is, however, not the kilns, but the collection of amphorae now in the Museu do Mar (Cascais).

ÂNFORAS ROMANAS NO MUSEU DO MAR (CASCAIS)

O Museu do Mar (Cascais) possui algumas dezenas de ânforas romanas (incluídos os fragmentos tipologicamente identificáveis). Foram encontradas no mar (em frente da praia da Figueirinha ou ao largo do Cabo Sardão), nas águas do rio Sado (ao largo de Tróia), na própria praia de Tróia e em diversas estações da margem direita do curso inferior do Rio Sado: Quinta da Alegria (Setúbal), Herdade do Pinheiro, Abul, Bugio e Herdade da Barrosinha ⁽¹⁾.

Na Quinta da Alegria encontraram-se ânforas dos tipos Dressel 14, 30, Almagro 51 A/B e 51 C. Há no local fornos de ânforas. Terão estes tipos sido todos localmente fabricados? Não podemos determiná-lo sem uma análise da composição das pastas, embora nos pareça, em exame macroscópico, que a pasta é a mesma. O tipo Dressel 14 foi utilizado para a exportação de *liquamen* e *muria* ⁽²⁾. É muito possível que os fornos da Quinta da Alegria tenham fabricado ânforas para os produtores de *liquamen* e *muria* de Tróia ou doutros centros conserveiros do curso inferior

(*) Quero deixar aqui expresso o meu agradecimento aos impulsionadores do departamento de arqueologia submarina do Museu do Mar, Dr. Ricardo Costa, Josué Falácio, Américo Castro Silva e Francisco Reiner Garcia; aos mestres Cailos Pinto, João Manita, José Rato, Mário Lopes, Tarruá e a todos os outros que ao Museu do Mar têm entregue preciosos achados; aos Drs. Octávio da Veiga Ferreira, George Zbyszewski e Carlos Tavares da Silva, que me comunicaram a localização dos fornos do Sado e alguns tipos de cerâmica lá encontrados; aos Drs. Jorge de Alarcão e José d'Encarnação, por todo o apoio técnico prestado a este trabalho; a M. J. Rocha Almeida, a quem devo a passagem dos desenhos a tinta.

(2) Fausto Zevi, *Appunti sulle anfore romana. I — La tavola tipologica del Dressel*, «Archeologia Classica», XVIII, 1966, p. 219.

do Sado. Quanto aos tipos Almagro 51 A/B e 51 C, não temos indícios seguros sobre o que normalmente transportavam. A sua presença na Quinta da Alegria e na Herdade do Pinheiro, em zonas onde certamente se não fabricavam nem vinho nem azeite, é um argumento, evidentemente insuficiente, a favor de uma utilização na indústria conserveira de derivados de peixe. O mesmo diremos do tipo Dressel 30, se bem que Beltrán considere que transportava vinho (3).

Na Herdade do Pinheiro (4) há igualmente fornos. Além das formas Dressel 14, 30, Almagro 51 A/B e 51 C, que encontramos na Quinta da Alegria, aparece ainda aqui a forma Almagro 50. Ao exame macroscópico não detectámos divergências notáveis na composição dos exemplares recolhidos na Herdade do Pinheiro. Se são todas produto local, os fornos diversificavam de maneira notável a sua produção. Não podemos esquecer, porém, que as ânforas Dressel 14 e 30 datam dos séculos i e ii (5), enquanto os tipos Almagro 50 e 51 se devem atribuir aos séculos iii e iv (6). As oficinas da Quinta da Alegria e da Herdade do Pinheiro terão tido uma larga laboração, mudando de tipo quando o Dressel 14, por razões que ignoramos, caiu em desuso.

Ânforas de tipo 14 se encontraram ainda em Abul, Bugio e Herdade da Barrosinha (onde igualmente há fornos); mas em Abul também se produziram ânforas de tipo Dressel 24, cuja cronologia é incerta (7), mas que provavelmente se devem atribuir ao século i a.C. ou i d.C. Podemos, com base na ausência dos tipos Almagro 50 e 51 (8), admitir que estas oficinas já não estavam em actividade no século iii.

(3) M. BELTRÁN LLORIS, *Las ánforas romanas en España*, Zaragoza, 1970, p. 529.

(4) Fernando de ALMEIDA, G. ZBYSZEWSKI e O. da VEIGA FERREIRA, *Descoberta de fornos lusitano-romanos na região de Marateca* (Setúbal), «O Arqueólogo Português», série III, vol. V, 1971, p. 155-165.

(5) BELTRÁN LLORIS, *ob. cit.*, p. 457-461 e 525-27; *vid. todavia* J. ALARCÃO, *Céramiques diverses et verres* (Fouilles de Conimbriga, VI), Paris, 1976, p. 86.

(6) BELTRÁN LLORIS, *ob. cit.*, p. 540 e 543.

(7) BELTRÁN LLORIS, *ob. cit.*, p. 517.

(8) Até ao momento, efectivamente, não recolhemos nenhum fragmento destes tipos, o que não quer dizer que não possam vir a encontrar-se.

FORMA DRESSEL 1

O número 1 é o único exemplar deste tipo existente no Museu do Mar. Embora conservemos apenas o colo, bordo e asas, e nos falte portanto o bojo, que ajudaria a uma classificação mais segura, parece-nos tratar-se da variante 1C ⁽⁹⁾, cuja cronologia vai dos fins do século ii a.C. aos meados do i a.C. ⁽¹⁰⁾. Ânforas do tipo Dressel 1C encontraram-se em Portugal em Mértola⁽ⁿ⁾, Chibanes ⁽¹²⁾ e Pedrão ⁽¹³⁾, documentando uma importação de vinhos da Campânia.

FORMAS DRESSEL 7-11

Os tipos Dressel 7-11 carecem de uma séria revisão, como o reconheceram Loeschcke ⁽¹⁴⁾, Lamboglia ⁽¹⁵⁾, Callender ⁽¹⁶⁾, Zevi ⁽¹⁷⁾ e Beltrán ⁽¹⁸⁾. Parece necessário, por um lado, fundir num mesmo grupo as formas assaz indiferenciadas de Dressel; e, por outro, estabelecer novas distinções. Um tipo suficientemente diferenciado e característico parece ser o Haltern 70 ⁽¹⁹⁾. Neste tipo (*)

(*) Sobre a subdivisão do tipo Dressel 1 vid. N. LAMBOGLIA, *Sulla cronologia della anfore romana di età repubblicana (II-I secolo a.C.)*, «Rivista di Studi Liguri», XXI, 1955, p. 241-270 e O. UENZE, *Friührömische Amphoren als Zeitmarken im Spätlatène*, Marburg/Lahn, 1958.

⁽¹⁰⁾ BELTRAN LLORIS, *ob. cit.*, p. 302.

⁽⁹⁾ Bernardo António de SÁ, *Explorações arqueológicas em Mértola*, «O Arqueólogo Português», série I, vol. X, 1905, p. 96-100.

⁽¹²⁾ A. J. Marques da GOSTA, *Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal*, O «Arqueólogo Português», série I, vol. XV, 1910, p. 55-83.

⁽¹³⁾ Carlos Tavares da SILVA, e Joaquina SOARES, *Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal)*, «Actas das II Jornadas Arqueológicas», vol. I, Lisboa 1972, p. 245-305.

⁽¹⁴⁾ LOESCHCKE, em Ch. ALBRECHT, *Das Römerlager in Oberaden, II: Die römischen und belgische Keramik*, Dortmund, 1942, p. 98.

⁽¹⁵⁾ LAMBOGLIA, *art. cit.*, fig. 2.

⁽¹⁶⁾ M. H. CALLENDER, *Roman amphorae with index of stamps*, Londres, 1965, p. 17.

⁽¹⁷⁾ F. ZEVI, *art. cit.*, p. 229 s.

⁽¹⁸⁾ BELTRAN LLORIS, *ob. cit.*, p. 388.

⁽¹⁹⁾ D. COLLS, R. ETIENNE, R. LEQUÉMENT, B. LIOU, F. MAYET, *Uépave de Port-Vendres II et le commerce de la Rétiqque à Vépoque de Claude*, «Archaeonautica» 1, 1977, p. 33-38, constitui a melhor exposição crítica sobre o tipo Haltern 70.

julgamos caberem os nossos números 2-4. Dressel não conheceu esta forma, que só muito forçadamente se pode incluir no seu tipo 10. Também nos parece difícil integrar os nossos exemplares no tipo leetano Pascual 1 ⁽²⁰⁾, que tem um bojo normalmente mais estreito e fusiforme e um bordo mais alto e vertical; o envasamento do bordo dos nossos números 2-4 é, pelo contrário, típico de Haltern 70. A cronologia deste tipo corresponde ao último quartel do século I a.C. e à primeira metade do século I d.C.

Os números 6 e 7 poderão classificar-se como forma Dressel 9, mas não conhecemos paralelos exactos para eles.

Outro tipo também suficientemente característico dentro do grupo Dressel 7-11 é o Pompeia VII ⁽²¹⁾, no qual integramos o número 8. A cronologia vai da época de Augusto ao século n.

As ânforas Haltern 70 transportavam vinho; as de tipo Pompeia VII, conservas de peixe.

FORMA BELTRÁN II

Os números 2-4 e 6-8 são ânforas procedentes da Bética. São-no igualmente os números 9-10, que se podem classificar como Beltrán II. O número 9 cabe no grupo II B, enquanto o número 10 se integra no II A. Este último identifica-se com Dressel 38. O número 9 tem num exemplar de Ventimiglia o paralelo mais próximo ⁽²²⁾; o número 10 avizinha-se de exemplares de Colchester ⁽²³⁾ e Pecio Gandolfo ⁽²⁴⁾.

⁽²⁰⁾ P. PASCUAL GUASCH, *Centros de producción y difusión geográfica de un tipo de ánfora*, Congreso Nacional de Arqueología, VIII, Zaragoza, 1962, p. 334-345; vid. também BELTRAN LLORIS, *ob. cit.*, p. 329-338.

⁽²¹⁾ Sobre este tipo vid. D. COLLS *et alii*, *art. cit.*, p. 40-43.

⁽²²⁾ LAMBOGLIA, *Gli scavi di Albintimilium e la cronologia della cerámica romana*, Bordighera, 1950, p. 126, fig. 66, n.º 11 e p. 115 e 123.

⁽²³⁾ Ch. HAWKES e M. R. HULL, *Camulodunum*, Londres, 1947.

⁽²⁴⁾ R. PASCUAL GUASCH, *El Pecio Gandolfo (Almería)*, «Pyrenae», 4, 1968, p. 146-151.

FORMA DRESSEL 14 / BELTRÁN IV

Bastante difundido no sul da Espanha e em Portugal, este tipo parece raro nas outras províncias do império romano. Tem a sua origem talvez no tipo Pascual I e apresenta numerosos sub-tipos, que Beltrán procurou sistematizar ⁽²⁵⁾. Quanto a nós, devem distinguir-se fundamentalmente duas variantes: a ânfora de bordo em pérola e a ânfora de bordo liso. O segundo não parece ser frequente em Espanha, embora se encontre no naufrágio de San Antonio Abad, nas imediações da ilha Conejera (Ibiza) ⁽²⁶⁾. Em Portugal, pelo contrário, ambos os tipos são comuns. É possível que a ânfora de bordo liso seja uma produção lusitana.

Os três exemplares do Museu do Mar ilustram três formas ligeiramente diferentes. O pé do número 11 é bastante alto, muito mais que o dos números 12 e 13. O número 12 tem o colo bicónico e o lábio com uma pequena saliência interior para melhor encaixe do opérculo. O número 13 tem o lábio já um pouco perolado, o colo de paredes paralelas e o pé mais maciço que o dos exemplares anteriores. Além dos exemplares ilustrados, o Museu tem outros dois idênticos aos n.ºs 11 e 12, e também recolhidos ao largo do Cabo Sardão.

As ânforas de bordo liso são normalmente mais cuidadas no fabrico; as paredes do bojo são razoavelmente paralelas. As ânforas de bordo em pérola apresentam frequentemente um bojo e até um bordo irregulares, quase defeituosos ⁽²⁷⁾.

A pasta destas ânforas é normalmente de cor laranja ou acastanhada, de grão médio, micácia, com bastantes grãos de quartzo e ocre vermelho escuro.

O tipo Dressel 14 data dos séculos i e n. O facto de não se ter recolhido ainda ao largo de Tróia nenhuma ânfora que possa ter substituído aquele tipo nos séculos m e iv leva-nos a perguntar se, na realidade, o tipo Dressel 14 não sobreviveu até ao século iv ⁽²⁸⁾.

⁽²⁵⁾ BELTRAN LLORIS, *ob. cit.*, p. 457 s.

⁽²⁶⁾ M. Vilar SANCHO, *Informe sobre la excavación arqueológica en la bahía de San Antonio Abad de Ibiza*, «Noticiario Arqueológico Hispánico», VI, 1964, p. 177-188.

⁽²⁷⁾ Este pouco cuidado do fabrico pode observar-se em exemplares dos museus de Elvas, Aljustrel e Odrinhas.

⁽²⁸⁾ Sobre a cronologia vid. bibliografia citada na nota 5.

O tipo Dressel 14 transportava *liquamen* e *muria* ⁽²⁹⁾. A nossa ânfora n.º 11 apresentava o interior coberto por pez, tendo por cima deste uma finíssima camada fibrosa acastanhada. Seria pasta de peixe?

FORMA DRESSEL 18

O número 5 é uma ânfora de tipo Dressel 18. A ausência do bocal impede-nos um estudo comparativo. Não podemos tentar situar a nossa ânfora na evolução do tipo, que vai desde os fins do século ii a.C. até à transição do século i a.G. para o i d.C. ⁽³⁰⁾. Transportava *halex* ⁽³¹⁾.

Ânforas do mesmo tipo encontraram-se em Portugal em Chibanes ⁽³²⁾, Alcácer do Sal ⁽³³⁾ e Conimbriga ^(M).

DRESSEL 20 / BELTRÁN V

As ânforas números 14-16 são do tipo Dressel 20. Proveniente da Espanha, e particularmente da Bética, este tipo serviu ao transporte de azeite ⁽³⁵⁾. Os números 14 e 16 apresentam o bojo sobre o esférico, comum nesta forma, enquanto o número 15 deixa supor um reservatório sobre o cilíndrico. Não julgamos ainda bem estabelecida a evolução do tipo ⁽³⁶⁾; com muitas reservas, portanto,

⁽²⁹⁾ ZEVÍ, *art. cit.*, p. 219.

⁽³⁰⁾ BELTRAN LLORIS, *ob. cit.*, p. 504-508.

⁽³¹⁾ BELTRAN LLORIS, *ob. cit.*, p. 509.

⁽³²⁾ MARQUES DA COSTA, *art. cit.*, p. 65-66.

⁽³³⁾ Fragmentos inéditos no Museu Municipal de Alcácer do Sal.

⁽³⁴⁾ J. ALARCÃO, *ob. cit.*, p. 86-87.

⁽³⁵⁾ A proveniência e o conteúdo foram definidos por Dressel e confirmados por achados posteriores, dos quais o mais recente é o de Port-Vendres II. Vid. COLLS *et alii*, *art. cit.*, p. 23 s. Sobre a análise química dos restos ainda encontrados em ânforas do tipo Dressel 20, vid. J. CONDAMIN e F. FORMENTI, *Recherches de traces d'huile d'olive et de vin dans les amphores antiques*, «Figlina», I, 1976, p. 143-158.

⁽³⁶⁾ Apesar das observações de TCHERNIA em «Journal des Savants», 1967, p. 224.

atribuiremos aos fins do século i a.C. — meados do i d.C. a ânfora 14, ao século i a ânfora 16 e aos fins do i ou n d.C. o número 15.

Além dos exemplares ilustrados, há no Museu do Mar alguns fragmentos recolhidos no estuário do Sado ou na praia de Tróia, o que prova um grande comércio entre o complexo conserveiro de Tróia e a zona da Bética.

DRESSEL 24

O número 17 é o único fragmento deste tipo existente no Museu do Mar. A cronologia é ainda incerta, mas muito possivelmente o tipo fabricou-se do século i ao m (37).

DRESSEL 26 (?)

O número 18 tem paralelo na necrópole paleocristã de Tarragona (38). Pascual classifica esta ânfora tarraconense no tipo Dressel 26. Zevi e Beltrán discordam da classificação (39), atendendo à cronologia tardia das ânforas de Tarragona e, pelo contrário, à antiguidade do tipo Dressel 26, que, presente no Castro Pretório, não pode deixar de atribuir-se no século i d.C. Nenhum dos autores, porém, propõe nova classificação, e as ânforas de Tarragona acabam por não encontrar lugar na obra de Beltrán. De qualquer forma, a nossa ânfora parece dever atribuir-se aos séculos iv ou v, embora não seja de excluir a sobrevivência do tipo para além do século v (40).

DRESSEL 27 (?)

É também na necrópole paleocristã de Tarragona que encontramos o melhor paralelo para o número 19 (41). Beltrán, pelas

(37) ZEVI, *art. cit.*, p. 223; BELTRAN LLORIS, *ob. cit.*, p. 517.

(38) R. PASCUAL Y GUASCH, *Les amphores de la necropolis paleocristiana de Tarragona*, «Boletín Arqueológico», LXIV-LXV (1964-1965), p. 3-27, fig. 2. O autor classifica esta ânfora de tipo Dressel 26 B.

(39) ZEVI, *art. cit.*, p. 223-225; BELTRAN LLORIS, *ob. cit.*, p. 520.

(40) PASCUAL Y GUASCH, *Les amphores de Tarragona*, p. 10.

(41) PASCUAL Y GUASCH, *Les amphores de Tarragona*, fig. 6, 5, classificado como tipo Dressel 27, variante D.

razões atrás apontadas, discorda da classificação de ânfora tarracense como tipo Dressel 27, mas não lhe atribui claramente nenhum lugar na sua tipologia. Pascual inclina-se a datar este tipo do século v ou vi ⁽⁴²⁾.

ÂNFORA LUSITANA

Não podemos classificar os nossos números 20 e 21 como ânforas do tipo Dressel 30, pois estas são muito diferentes na forma da boca e na armação das asas. Também não cabem no tipo Almagro 51, ⁽⁴³⁾ mais estreito que as nossas ânforas. Trata-se sem dúvida de um tipo lusitano, fabricado nos fornos do Sado. Não temos por enquanto dados seguros nem quanto à data nem quanto ao conteúdo. É possível que date do século m; nos fornos do Pinheiro aparece misturado com ânforas do tipo 51, com o qual, aliás, tem muitas semelhanças na forma.

ALMAGRO 50

O tipo Almagro 50 acha-se representado no Museu do Mar por vários fragmentos, recolhidos todos no Sado, em frente a Tróia, à excepção de um exemplar encontrado ao largo do cabo Sardão. O nosso número 22 é o exemplar mais representativo. Datado dos séculos m e iv ⁽⁴⁴⁾, este tipo servia possivelmente ao transporte de conservas de peixe.

ALMAGRO 51

Gabem neste tipo ⁽⁴⁵⁾ os números 23-25; o primeiro pertencerá, talvez, à variante 51 A ou 51B, mas a falta do bocal e asas impede

⁽⁴²⁾ PASCUAL Y GUASCH, *Les amphores de Tarragona*, p. 18.

⁽⁴³⁾ BELTRAN LLORIS, *ob. cit.*, p. 541-543.

⁽⁴⁴⁾ BELTRAN LLORIS, *ob. cit.*, p. 540.

⁽⁴⁵⁾ BELTRAN LLORIS, *ob. cit.*, p. 540-543.

uma classificação exacta; os números 24 e 25 são do tipo 51C. A forma foi das mais produzidas nos fornos do Sado e de Castro Marim ⁽⁴⁶⁾ e deve atribuir-se ao século m ⁽⁴⁷⁾.

ANFORAS BIZACENAS

Os números 26-29 pertencem a um tipo definido por Zevi e Tcherma ⁽⁴⁸⁾. Originárias da África, de centros como Leptis Magna e Hadrumetum, estas ânforas serviram provavelmente ao transporte de azeite, e circularam dos fins do século m aos fins do iv, se não mesmo ao V. Os nossos exemplares foram todos recolhidos ao largo de Tróia, no Sado. Na própria cidade de Tróia foram encontrados vários exemplares, alguns deles utilizados como urnas funerárias ⁽⁴⁹⁾. É naturalmente com uma certa surpresa que encontramos este indício de importação de azeite africano. Que terá sucedido, no século iv, aos olivais da Bética e da própria Lusitânia ?

CATÁLOGO

1. Inv. n.º 114 — Fragmento superior com lábio, colo e uma asa. Lábio alto e saliente. Colo alto estreitando a meio. Asa curva e maciça de secção oval ligando à parte superior do colo e ao lombo (que lhe falta). Dimensões: altura máx. 32 cm, largura máx. 27 cm (asa a asa).
 Pasta: castanho-alaranjada, grão médio com pequeníssimas partículas de mica, ocre e calcite.
 Do interior do colo foram retirados fragmentos de resina negra.
 Recolhido ao largo da praia da Figueirinha num mergulho casual.
 Data de recolha: 29 de Dezembro de 1972.
2. Inv. n.º 125 — Fragmento de ânfora. Lábio alto inclinado para o exterior e saliente relativamente ao colo, que é cilíndrico e estrangulado a meio. Asas paralelas ao colo, de secção oval, com canelura vertical

⁽⁴⁶⁾ Sobre os fornos de Castro Marim vid. J. LEITE DE VASCONCELOS, *Olaria luso-romana em S. Bartolomeu de Castro-Marim*, «O Archeologo Português», IV, 1898, p. 329-336.

⁽⁴⁷⁾ BELTRAN LLORIS, *ob. cit.*, p. 543.

⁽⁴⁸⁾ F. ZEVI e A. TCHERNIA, Amphores de Byzacène au Bas Empire, «Antiquités Africaines», 3, 1969, p. 173-214.

⁽⁴⁹⁾ Manuel MAIA, *Contribuição para o estudo das ânforas romanas de Tróia. Ânforas do tipo «africano grande»*, «Setúbal Arqueológica», 1, 1975, p. 155-158.

exterior. Lombo descaído seguido da parte superior do bojo, que é cilíndrica.

Dimensões: altura máx. 46,5 cm, largura máx. 34 cm.

Pasta: castanho-clara, granulosa, do tipo pele de galinha, apresenta mica finíssima, ocre vermelho e preto e grande quantidade de minúsculos grãos de quartzo, sendo alguns de médio tamanho.

Recolhido no rio Sado, entre 25 e 30 metros de profundidade, ao largo da estação arqueológica de Tróia.

Data de recolha: 26 de Agosto de 1973.

3. Inv. n.º 112 — Fragmento de ânfora. Lábio alto, inclinado para o exterior, ligeiramente arqueado, estando saliente ao colo, que, por sua vez, é afunilado. Asas paralelas ao colo, arqueando com uma moldura exterior feita a dedo. Lombo menos descaído que o da anterior. Do bojo só se conserva a parte superior, que é cilíndrica.

Dimensões: altura máx. 42 cm., largura máx. 24 cm.

Pasta: Idêntica à da ânfora anterior, com uma pequena diferença na rugosidade, que é maior.

Local de recolha: o mesmo da anterior.

Data de recolha: 22 de Setembro de 1973.

4. Inv. n.º 128 — Fragmento de ânfora. Colo cilíndrico estreitando a meio, muito semelhante ao do n.º 3. Asas paralelas ao colo, de secção rectangular, com cancelura exterior vertical de grandes dimensões. Ombro descaído. Bojo fusiforme.

Dimensões: altura máx. 73 cm. larg. máx. 37 cm.

Pasta: vermelho-acastanhada, de grão grosso, do tipo pele de galinha, com mica branca.

Local de recolha: o mesmo das duas anteriores.

Data de recolha: 25 de Agosto de 1973.

5. Inv. n.º 108 — Fragmento de ânfora. Colo alto a tomar a forma de trompa. Asa pequena colada à parte superior do bojo. Lombo cónico de linhas suaves. Bojo cilíndrico.

Dimensões: altura máx. 68 cm, largura máx. 27 cm.

Pasta: castanho-clara, de grão fino, com grandes pedaços de ocre vermelho.

Recolhida ao largo do Cabo Sardão a cerca de 300 metros de profundidade.

Data de recolha: 20 de Setembro de 1972.

6. Inv. n.º 152 — Fragmento de ânfora. Lábio perfilado por várias molduras em escada, sobressaindo ao colo, que por sua vez é cónico. Asas arredondadas de secção oval. Lombo levantado. Bojo periforme com um pequeno estrangulamento na parte superior.

Dimensões: altura máx. 58,5 cm., largura máx. 35 cm.

Pasta: rosa-clara esbranquiçada, de grão fino, com ocre vermelho e quartzo. Recolhida no rio Sado entre 25 e 30 metros de profundidade ao largo da estação arqueológica de Tróia.

Data de recolha: Outubro de 1972.

7. Inv. n.º 147 — Fragmento de ânfora. Lábio em voluta. Asas em fita paralelas ao colo. Colo alto com a parte superior a lembrar um cálice. Ombro descaído. Bojo periforme.
Dimensões: altura máx. 78 cm, largura máx. 35 cm.
Pasta: rosa esbranquiçada, de grão grosso, do tipo pele de galinha, com ocre vermelho, quartzo, augite (?) e tijolo moído.
Recolhida no local da anterior.
Data de recolha: 1973.
8. Inv. n.º 113 — Grande fragmento de ânfora. Boca larga com o lábio em voluta. Colo alto, cilíndrico, apresentando várias caneluras interiores horizontais. Asas largas, paralelas ao colo, de secção oval. Ombro pequeno dando a sensação de pequena saliência entre o bojo e o colo. Bojo periforme ovalado.
Dimensões: altura máx. 69,5 cm, largura máx. 37 cm.
Pasta: branco-rosada, de grão médio, bastante dura, apresentando grãos de ocre vermelho.
Recolhido no rio Sado entre 25 e 30 metros de profundidade ao largo da estação arqueológica de Tróia.
Data de recolha: 22 de Setembro de 1973.
9. Inv. n.º 106 — Grande fragmento de ânfora. Boca larga com um lábio em voluta pequena. Colo pequeno, estrangulando na ligação com o bojo. Asas de linhas rectas ligeiramente oblíquas ao colo. Bojo caracteristicamente periforme de grande porte.
Pé largo, cónico e oco.
Dimensões: altura máx. 96 cm, larg. máx. 41 cm.
Pasta: acinzentada, com patine amarelo-clara, de grão fino, com um pouco de ocre vermelho.
Recolhida no local da anterior.
Data de recolha: 26 de Agosto de 1973.
10. Inv. n.º 104 — Grande fragmento de ânfora. Boca larga. Lábio em voluta. Colo alto e largo. Asas em fita, de secção oval, paralelas ao colo. Bojo periforme, de pequeno porte. Pé largo, alto, cónico e oco.
Dimensões: altura máx. 86 cm, larg. máx. 31 cm.
Pasta: amarela, de grão fino, micácia, com impurezas de quartzo e ocre vermelho.
Local de recolha: o mesmo da anterior.
Data de recolha: 24 de Agosto de 1973.
11. Inv. n.º 105 — Ânfora completa. Lábio de bordo semi-perolado. Colo do tipo de gola alta de paredes direitas. Asas paralelas ao colo com secção em V e canelura exterior vertical feita a dedo. Ombro descaído. Bojo cilíndrico avultado. Pé bastante alto, cónico e oco.
Dimensões: altura máx. 112 cm, largura máx. 32 cm.
Pasta: castanho-escura, granulosa, com mica branca, quartzo leitoso e ocre vermelho. Apresenta ainda bolhas de ar no interior.
Local de recolha: O mesmo da anterior.
Data de recolha: 25 de Agosto de 1973.

12. Inv. n.º 103—Ânfora completa. Lábio redondo com saliência interior para encaixe do opérculo, colo do tipo de gola alta, estreitando ligeiramente a meio. Asas flectidas na vertical ao colo e lateralmente oblíquas, de secção ovoide, com canelura vertical exterior feita a dedo. Ombro descaído. Bojo cilíndrico de porte avultado, fusiforme junto à base, pé alto, cónico e oco.
Dimensões: altura máx. 100 cm, largura máx. 31 cm.
Pasta: Castanho-ocre, granulosa, com mica branca fina, quartzo leitoso e ocre vermelho.
Recolhida ao largo do Cabo Sardão a cerca de 300 metros de profundidade.
Data de recolha: Dezembro de 1972.
13. Inv. n.º 102 — Ânfora inteira. Lábio redondo, colo do tipo de gola alta estreitando a meio. Asas paralelas ao colo, de secção rectangular, com canelura vertical exterior. Ombro sem nenhuma saliência, muito suave. Bojo cilíndrico tomando a forma oval junto à base. Pé pequeno, cónico e de base plana.
Dimensões: altura 92 cm, larg. máx. 31 cm.
Pasta: castanho-clara, alaranjada, granulosa, com mica branca fina, quartzo leitoso, ocre vermelho.
Do seu interior retiraram-se pedaços de resina negra cobertos por uma fina camada fibrosa de tom castanho.
Recolhida ao largo do Cabo Sardão a cerca de 300 metros de profundidade.
Ano de recolha: 1972. O museu possui mais uma ânfora do mesmo tipo, vinda do mesmo local, na mesma altura.
14. Inv. n.º 133 — Fragmento de ânfora. Lábio espesso, em voluta. Colo pequeno e cónico. Asas pequenas, semicirculares, espessas. Ombro descaído ligando logo à parte superior do bojo.
Dimensões: altura máx. 33 cm, larg. máx. 54 cm. Espessura das paredes entre 2,5 e 1,5 cm.
Pasta: castanha, granulosa, com mica finíssima, quartzo e ocre vermelho. Apresenta no seu interior bolhas de ar e fendas.
Recolhida no rio Sado entre 25 e 30 metros de profundidade ao largo das ruínas de Tróia.
Data de recolha: 23 de Setembro de 1975.
15. Inv. n.º 111—Fragmento de ânfora. Lábio redondo com saliência interior para encaixe do opérculo. Colo alto para este tipo de ânforas e com a forma de gola alta estreita. Asas espessas e semi-circulares. Ombro bastante pronunciado. Do bojo só se conserva a parte superior, que aparenta ser cilíndrica (não o sendo, no entanto).
Dimensões: altura máx. 46,5 cm, largura máx. 56 cm, espessura média 2,5 cm.
Pasta: castanha, granulosa, com mica finíssima, quartzo leitoso, ocre vermelho, apresentando no seu interior bolhas e fendas de ar.
Local de recolha: o mesmo da anterior.
Data de recolha: 25 de Agosto de 1973.

16. Inv. n.º 116 — Grande fragmento de ânfora. Ombro descaído de forma arredondada. Bojo com uma forma ligeiramente rectangular, de grande volume. Pé pequeno e cónico.
Dimensões: altura máx. 62 cm, largura máx. 48,5 cm.
Pasta: de tons castanho-escuro a castanho-claro com veios cinzentos, granulosa, micácia, apresentando quartzo leitoso, ocre vermelho, calcite e pequenos grãos negros de augite (?). No interior da pasta pode-se observar fendas e bolhas de ar.
Recolhida na praia de Tróia.
Data de recolha: Janeiro de 1974.
17. Inv. n.º 137 — Fragmento de ânfora. Lábio alto ligeiramente côncavo e sobressaído ao colo. Colo curto e afunilado. Asas pequenas semi-circulares, de secção rectangular com canelura vertical exterior. Ombro levantado de forma arredondada. Bojo com forma cilíndrica.
Dimensões: altura máx. 30,3 cm, largura máx. 34 cm.
Pasta: castanho-claro no exterior e castanho no interior, granulosa, com impurezas constituídas por arenitos finos e alguns de grão médio, ausência de quartzos brancos e ocres, apresentando no entanto hematite de cor negro-acastanhada, mica branca e quartzos escuros. No seu interior pode-se observar bolhas de ar e fendas.
Recolhida ao largo do Cabo Sardão a cerca de 300 metros de profundidade.
Ano de recolha: 1972.
18. Inv. n.º 115 — Fragmento de ânfora. Lábio de arestas exterior. Colo pequeno, ligeiramente mais largo na parte inferior. Asas pequenas semi-circulares unidas ao colo e ombro. Ombro levantado.
Dimensões: altura máx. 16 cm, largura máx. 30 cm.
Pasta: castanha, granulosa, do tipo pele de galinha, mica finíssima, quartzo e augite (?) em grãos minúsculos. Esta pasta é muito semelhante à n.º 125 e 112. Recolhida no Rio Sado entre 25 e 30 metros de profundidade, ao largo de Tróia arqueológica.
Data de recolha: 23 de Agosto de 1973.
19. Inv. n.º 121 — Fragmento de ânfora. Lábio em flor. Colo cónico de linhas rectas. Asas pequenas, semi-circulares ligadas ao colo, tendo a parte inferior sido colada ao colo por intermédio de uma pequena altura acrescentada. Ombro pequeno e pouco pronunciado. Bojo dando a ideia de ser ogival.
Dimensões: altura máx. 49,5 cm, largura máx. 27 cm.
Pasta: vermelha, granulosa, com impurezas de arenito constituídas por pequenos grãos de feldspatos, quartzos leitosos e ocres vermelhos. Recolhida no Rio Sado entre 25 e 30 metros de profundidade ao largo da estação arqueológica de Tróia.
Data de recolha: Setembro de 1973.
20. Inv. n.º 119 — Ânfora completa. Lábio em voluta, colo estreito e curto. Asas pequenas, semi-circulares, com duas caneluras verticais exteriores. Ombro esférico. Bojo troncocónico, terminando em ogiva na parte

inferior. Pé pequeno e cilíndrico. Neste tipo de ânfora é comum um pequeno orifício cilíndrico na base do pé.

Dimensões: altura máx. 71,5 cm, largura máx. 36 cm.

Pasta: vermelha-tijolo, de grão grosso, com mica finíssima. Quartzo leitoso, ocre vermelho e pequenos cristais negros de augite (?).

Local de recolha: o mesmo do anterior.

Data de recolha: Julho de 1973.

21. Inv. n.º 110 — Ânfora completa. Lábio em voluta. Golo estreito e curto. Asas paralelas ao colo, ligeiramente curvas e com uma canelura vertical exterior. Ombro descaído e bojo em ogiva. Pé pequeno cilíndrico, faltando-lhe a parte inferior onde devia apresentar um orifício cilíndrico na base.

Dimensões: altura máx. 66,5 cm, largura máx. 34,5 cm.

Pasta: cor vermelho-tijolo, grão grosso, apresentando mica branca, ocre vermelho e quartzo leitoso. No seu interior podem observar-se fendas e bolhas de ar.

Recolhida ao largo do Gabo Sardão a cerca de 300 metros de profundidade.

Data de recolha: 29 de Novembro de 1972.

22. Inv. n.º 139 — Grande fragmento de ânfora. Lábio em voluta. Colo bastante pequeno e afunilado. Asas pequenas semi-circulares de secção ovoide. Ombro descaído. Bojo cónico, de linhas direitas, sendo a parte inferior mais larga.

Dimensões: altura máx. 70 cm, largura máx. 36 cm.

Pasta: castanho-clara, de grão fino, com mica fina e ocre vermelho. A fractura é irregular e apresenta bolhas de ar e uma faixa acinzentada no meio da pasta.

Recolhido no rio Sado entre 25 e 30 metros de profundidade ao largo da estação arqueológica de Tróia.

Data de recolha: 23 de Setembro de 1973.

No Museu existe mais um fragmento idêntico vindo de Tróia e a parte superior de outra vinda do cabo Sardão.

23. Inv. n.º 130 — Fragmento de bojo cónico.

Dimensões: altura máx. 55 cm, largura máx. 24 cm.

Pasta: cor de tijolo avermelhado, de grão médio, com mica finíssima, ocre vermelho e amarelo e quartzo leitoso. No interior, uma faixa ao centro cinzenta e castanho-amarelada.

Recolhida no local da anterior.

Data de recolha: Agosto de 1973.

24. Inv. n.º 117 — Fragmento de ânfora. Bojo cónico de pequena dimensão. Pé cilíndrico quase inexistente.

Dimensões: altura máx. 50,5 cm, largura máx. 20 cm.

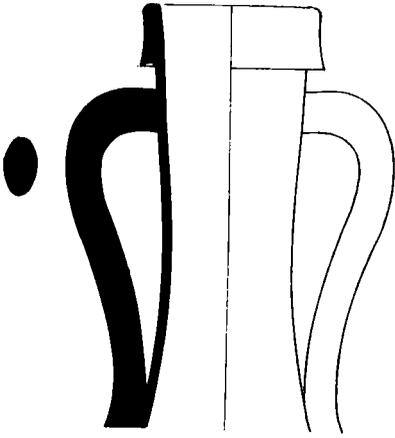
Pasta: de cor laranja, granulosa, micácia, com impurezas de ocre vermelho e quartzo leitoso. O interior da pasta apresenta bolhas de ar.

Recolhida no rio Sado entre 25 e 30 metros de profundidade ao largo da estação arqueológica de Tróia.

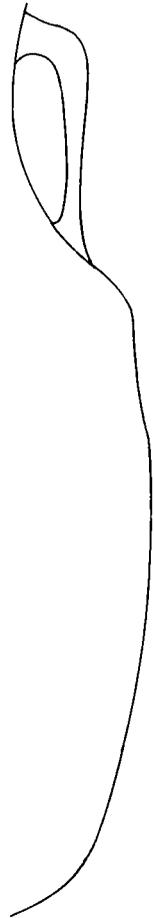
Data de recolha: Setembro de 1973.

25. Inv. n.º 131 — Fragmento superior de ânfora. Lábio de aresta interior. Colo cónico, estrangulado na parte superior para melhor encaixe do opérculo. Asas curvas, de secção oval. Ombro descaído.
Dimensões: altura máx. 20 cm, largura máx. 23 cm.
Pasta: castanho-clara, avermelhada de grão médio, com mica branca fina, quartzo leitoso e grandes grãos de ocre vermelho. No interior apresenta minúsculas bolhas de ar.
Recolha ao largo do cabo Sardão, a cerca de 300 metros de profundidade.
Data de recolha: 23 de Janeiro de 1974.
26. Inv. n.º 135 — Fragmento superior de ânfora. Lábio alto, em banda, descaído para fora. Colo alto e cónico. Asas pequenas, semi-circulares ligadas ao colo.
Dimensões: altura máx. 21 cm, largura máx. 27 cm.
Pasta: vermelho-tijolo de grão médio, dura, apresentando mica finíssima e poucos grãos de quartzo leitoso.
Recolha no rio Sado entre 25 e 30 metros de profundidade ao largo da estação arqueológica de Tróia.
Data de recolha: 23 de Agosto de 1973.
27. Inv. n.º 154 — Fragmento superior de ânfora. Lábio vertical alto com ligeira convexidade. Colo saliente ao lábio, alto, cónico, lembrando um sino. Asas pequenas, semi-circulares ligadas ao colo.
Dimensões: altura máx. 23 cm, largura máx. 28 cm.
Pasta: castanho-avermelhada, de grão médio, com mica finíssima e pequenas partículas de outras matérias.
Recolhida no local da anterior.
Data de recolha: 11 de Agosto de 1973.
28. Inv. n.º 124 — Fragmento de ânfora. Bojo cilíndrico, de grandes dimensões e pé maçudo.
Dimensões: altura máx. 95 cm, largura máx. 37,5 cm.
Pasta: vermelha, de grão médio, do tipo pele de galinha, com ocre vermelho escuro e quartzito.
Recolhida no local da anterior.
Data de recolha: Agosto de 1973.
29. Inv. n.º 155 — Fragmento superior de ânfora. Lábio arredondado, sobressaindo ao colo, e com um pequeno desnível em degrau a meia altura. Colo cónico, asa pequena soldada ao colo. Ombro descaído.
Dimensões: altura máx. 20 cm, largura máx. 30 cm.
Pasta: na parte exterior, castanha; no interior, de cor vermelho tijolo. Grão fino, com calcite fina. Apresenta no interior pequenas fendas e bolhas de ar.
Recolhida no rio Sado entre 25 e 30 metros de profundidade ao largo da estação arqueológica de Tróia.
Data de recolha: Setembro de 1973.

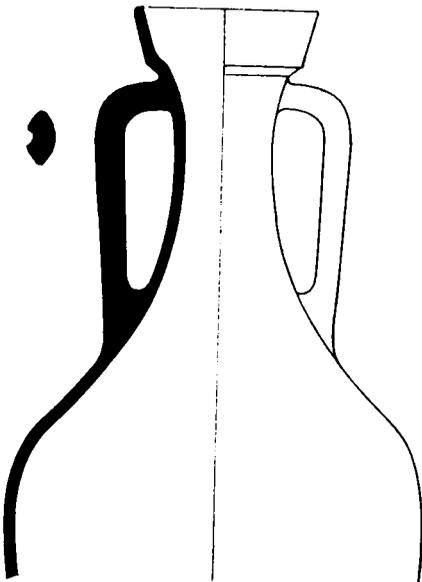
GUILHERME CARDOSO



1

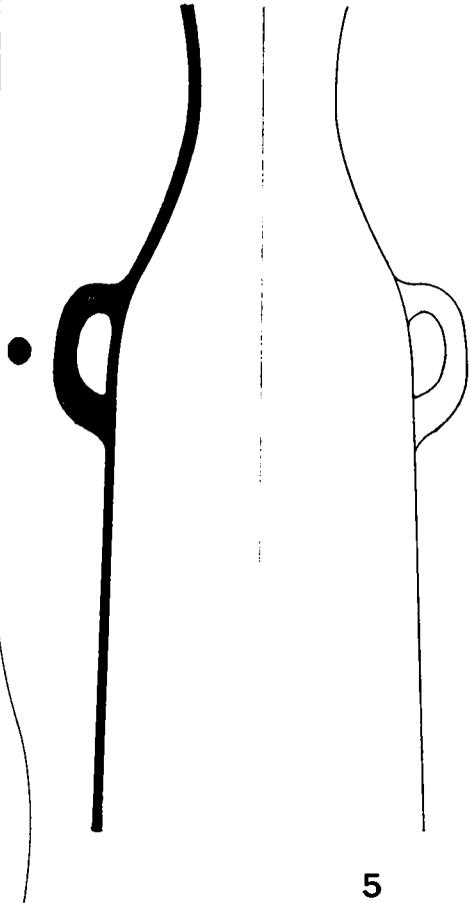
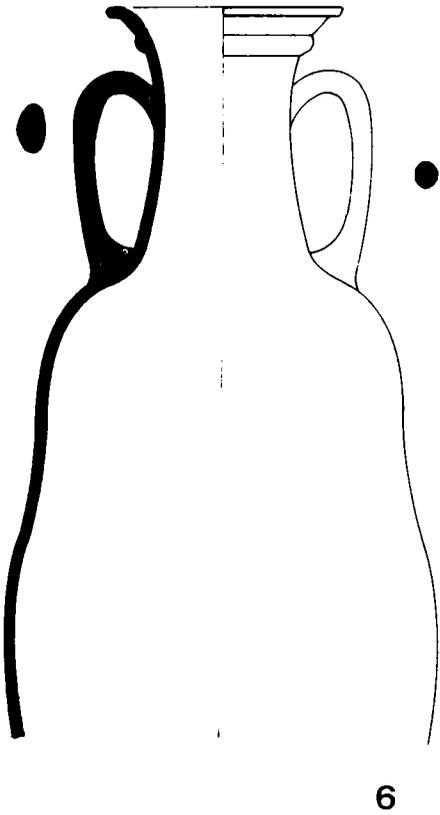
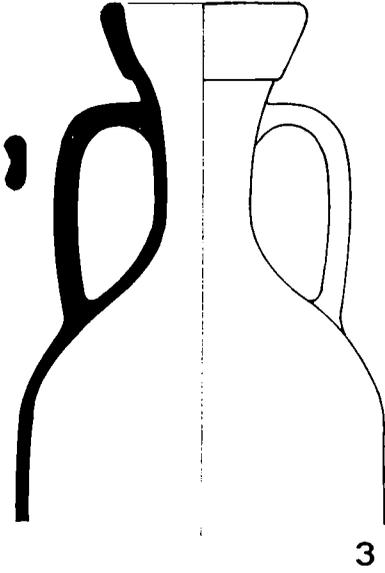


4

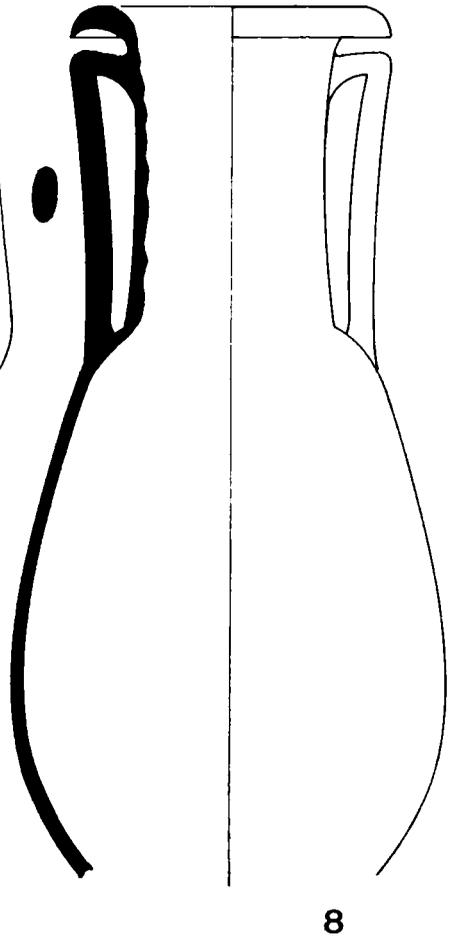
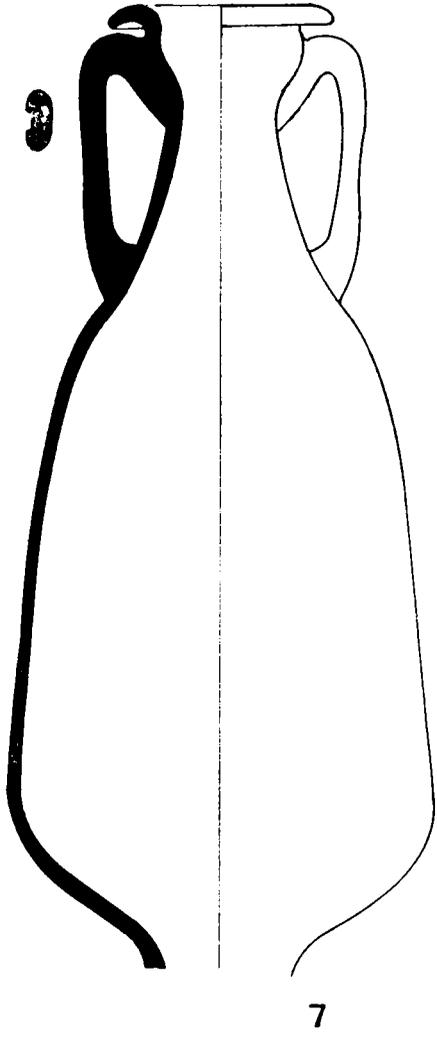


2

EST. II

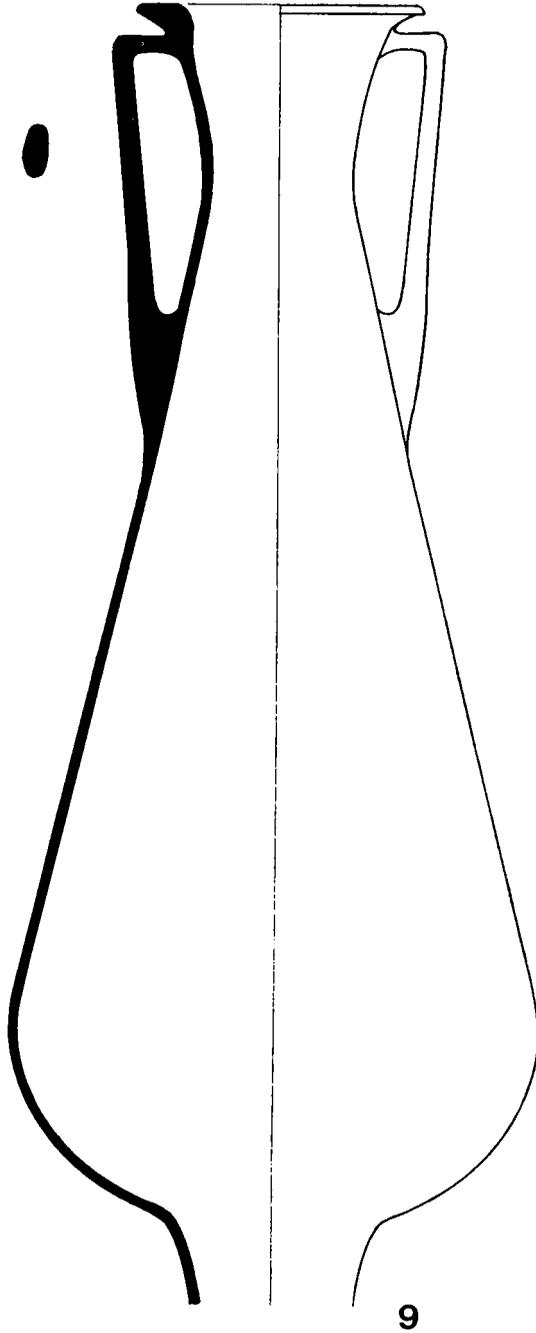


Esc. 1:6



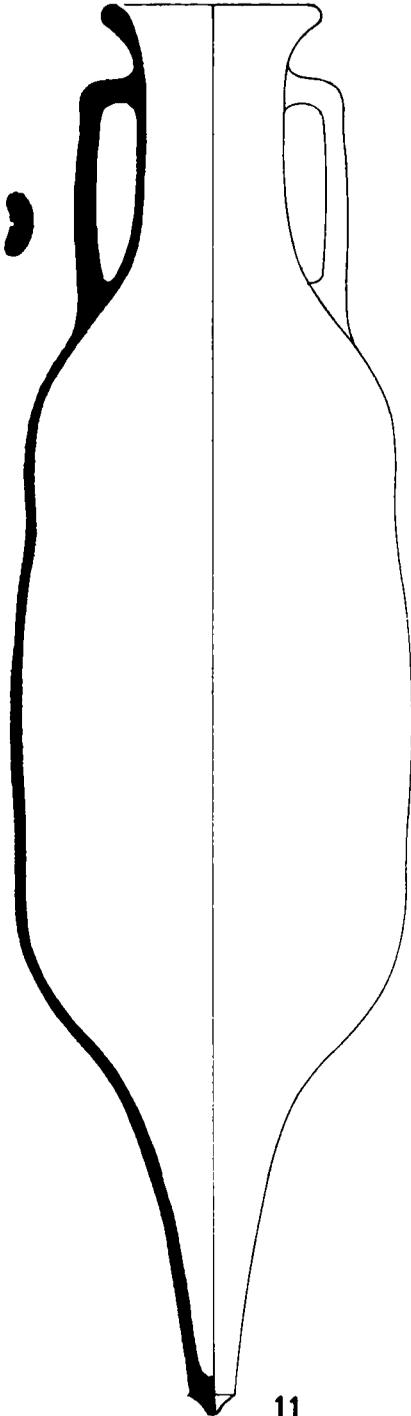
Esc. 1:6

EST. IV

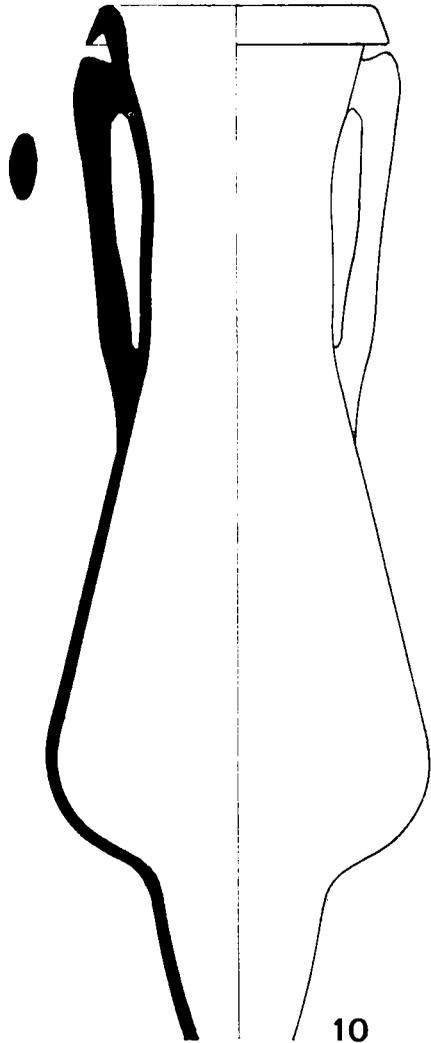


Esc. 1:6

9

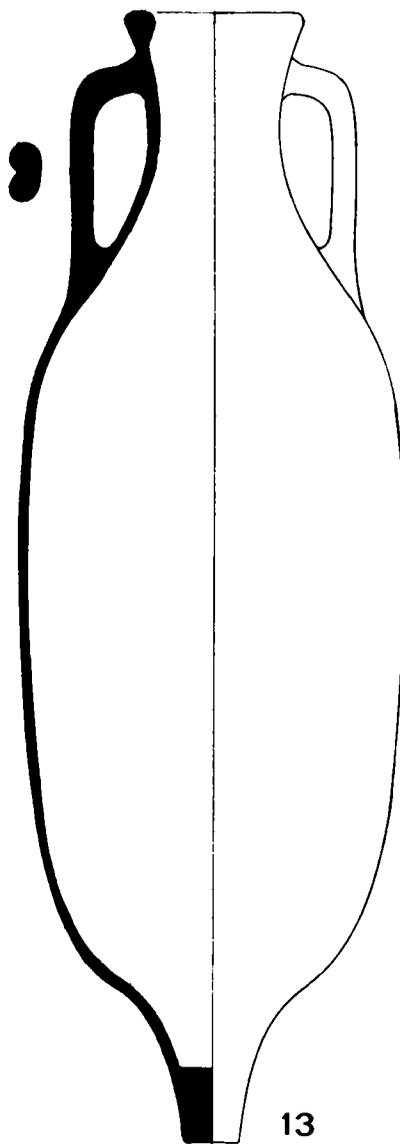
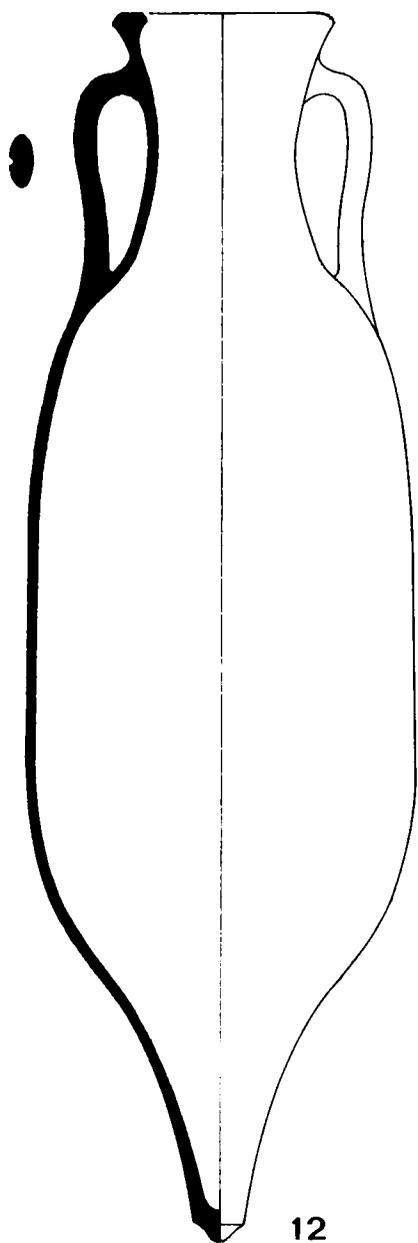


11

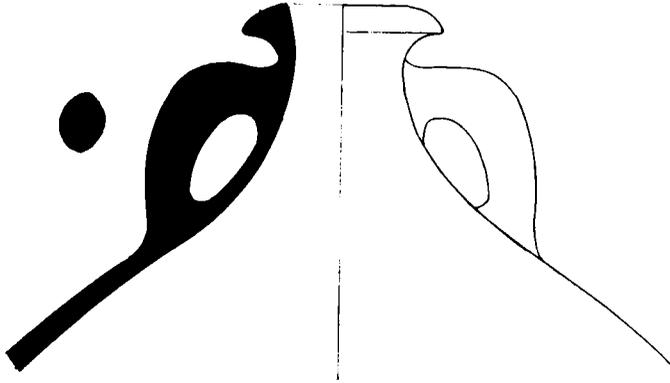


10

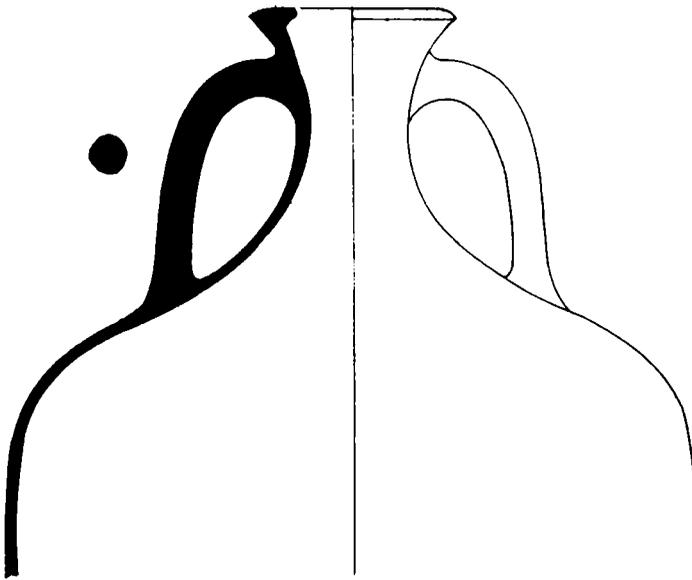
EST. VI



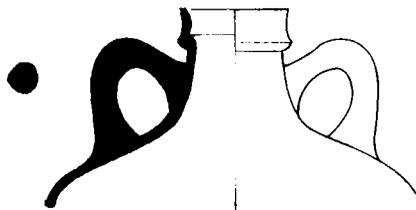
Esc. 1:6



14

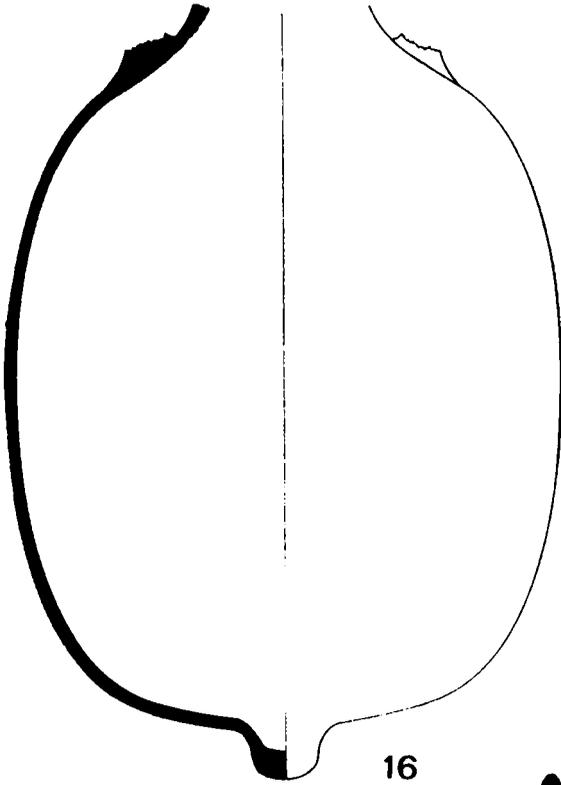


15

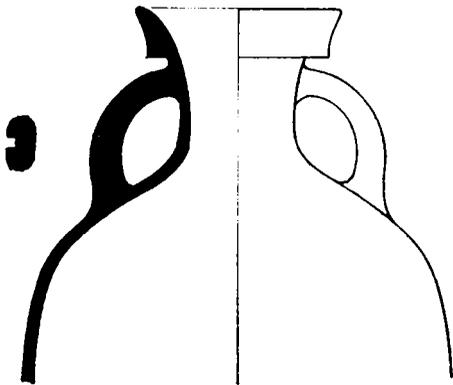


18

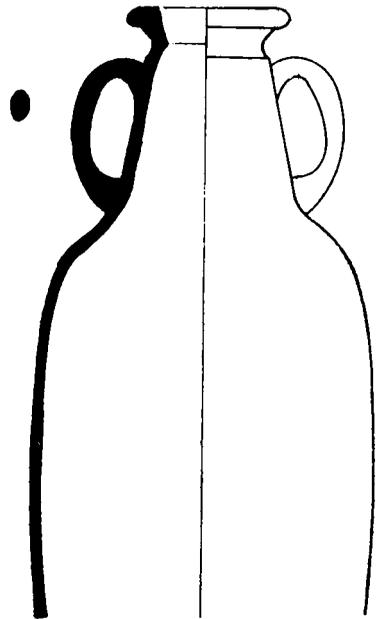
EST. VIII



16

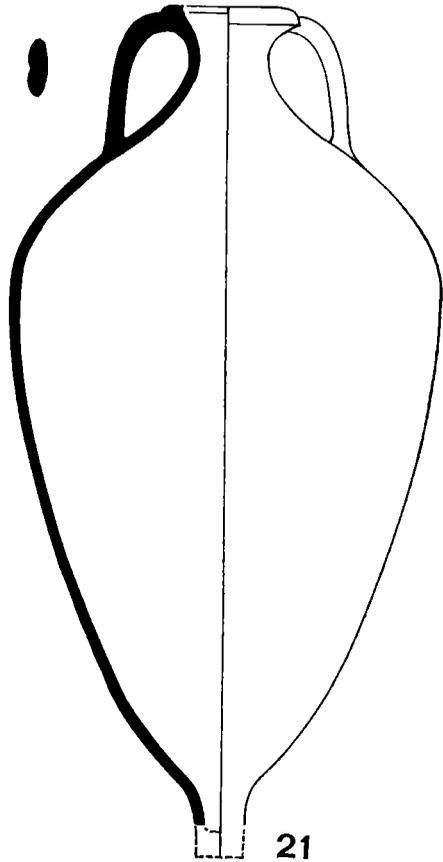
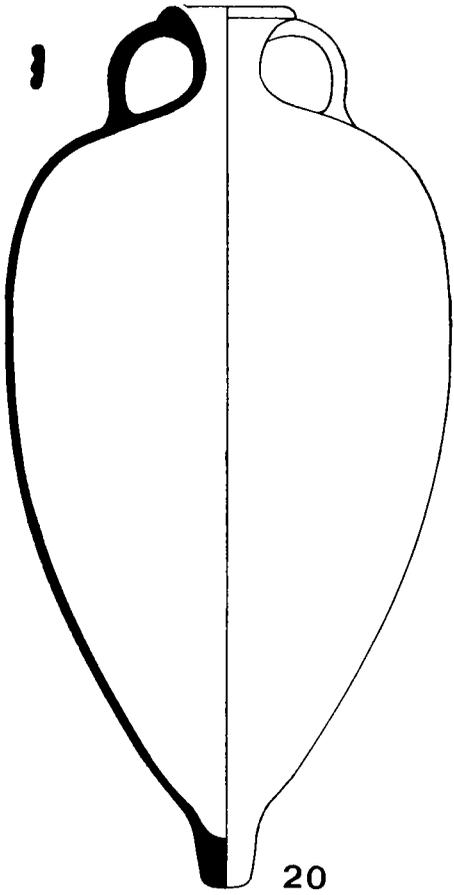


17



19

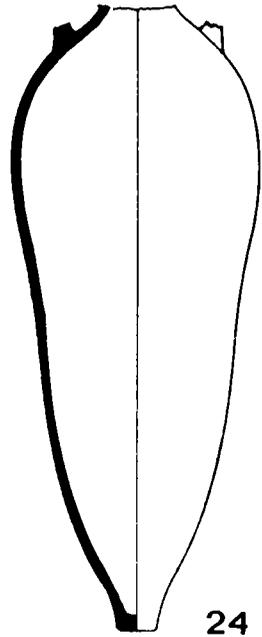
Esc. 1:6



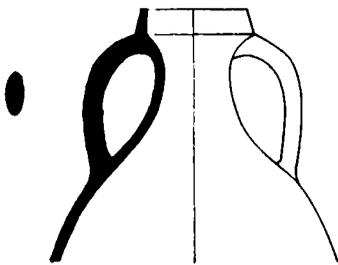
EST. X



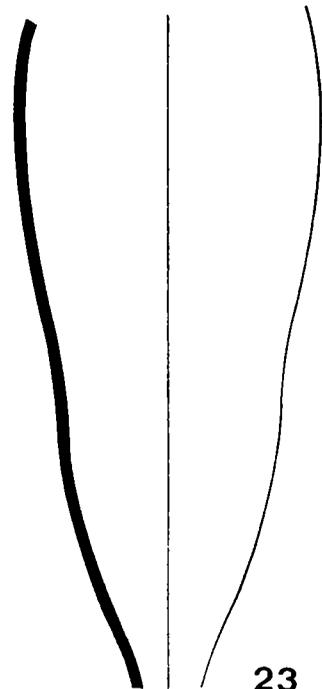
22



24

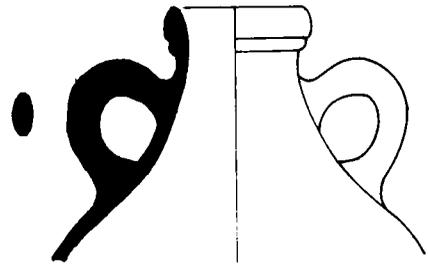
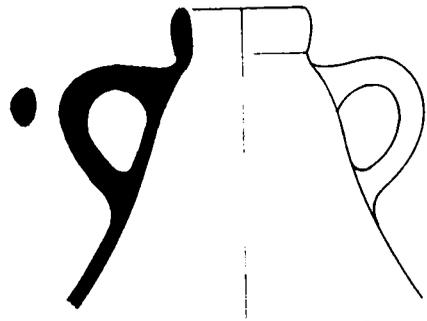
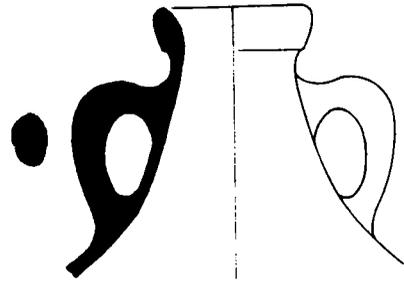
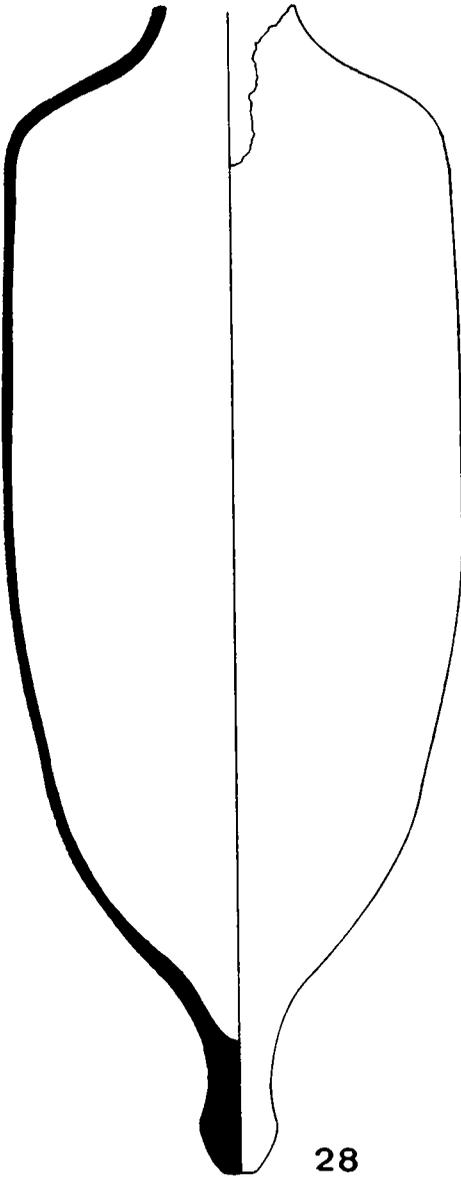


25



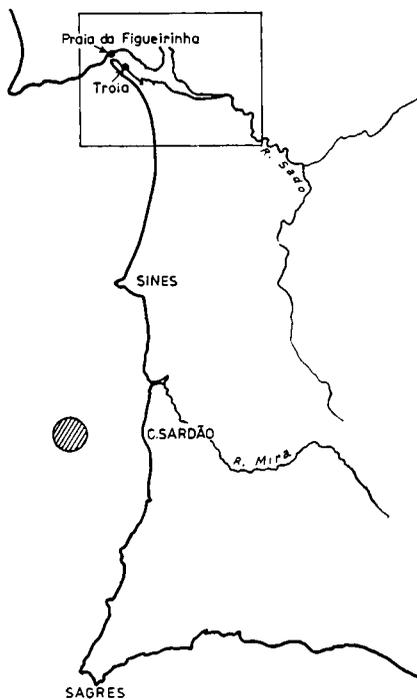
23

Esc. 1:6

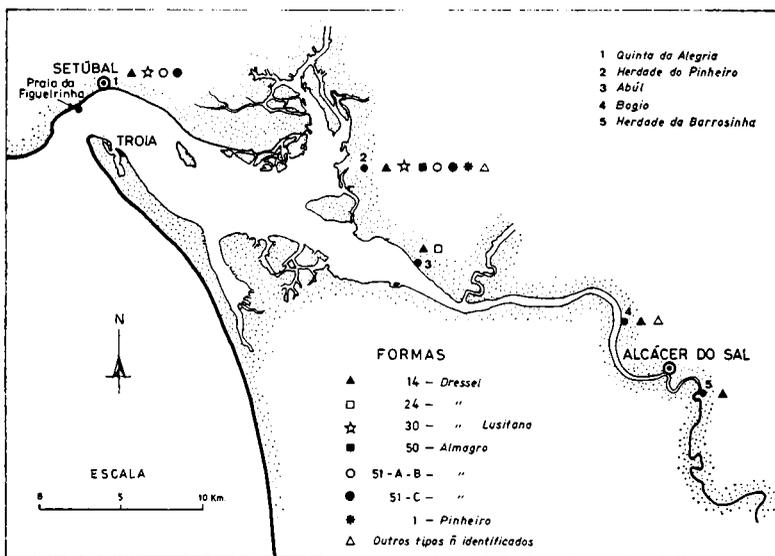


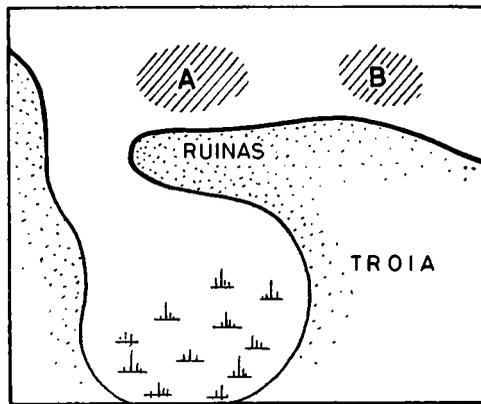
28

EST. XII



Localização das estações onde foram recolhidas as ânforas descritas.





Península de Tróia e locais do Sado onde têm sido recolhidas ânforas

- A — Local de onde foram retiradas as ânforas descritas neste artigo.
- B — Rareiam aqui os tipos Dressel 30 e Almagro 50; existem todavia mais variantes de ânforas periformes ibéricas que não se encontraram até agora na zona A.